

# O inglês como língua franca da ciência

**Raimunda Araujo Ribeiro** (UFMA) - rai.raioluar@gmail.com

**Lídia Oliveira** (Univ. de Aveiro - PT) - lidia@ua.pt

**Cassia Cordeiro Furtado** (UFMA) - cassia.furtado@ufma.br

## **Resumo:**

*Apresenta-se o inglês como língua franca da ciência/língua internacional da ciência, destacando seus aspectos históricos e contemporâneos. Desse modo, traçou-se como objetivo analisar as estratégias utilizadas pelos cientistas da informação brasileiros e portugueses para a escrita e publicação em inglês, visando o maior alcance e prestígio do conhecimento científico produzido por essas comunidades científicas. Esta investigação caracteriza-se como estudo de casos múltiplos de natureza qualitativa e quantitativa, utilizando como técnica de pesquisa a análise de conteúdo. Os resultados demonstram que um dos principais entraves enfrentados para a tradução dos textos é a financeira. Conclui-se que há necessidade de viabilização de políticas públicas, para que essas comunidades possam subsidiar esses tipos de ações, tendo em vista que ciência avança e precisa de bases apropriadas para seu desenvolvimento, levando em consideração também toda a pressão advinda dos órgãos de fomentos brasileiro e português, visando a visibilidade e internacionalização, marca distintiva no cenário atual a ser alcançado pela ciência.*

**Palavras-chave:** *Inglês; Língua Franca da Ciência; Biblioteconomia; Ciência da Informação e Documentação; Brasil e Portugal.*

**Eixo temático:** *Eixo 8: Ciência da Informação*



## O inglês como língua franca da ciência

**Raimunda Ribeiro**  
rai.raioluar@gmail.com

**Lídia Oliveira**  
lidia@ua.pt

**Cassia Furtado**  
cassia.furtado@ufma.br

### RESUMO

Apresenta-se o inglês como língua franca da ciência/língua internacional da ciência, destacando seus aspectos históricos e contemporâneos. Traçou-se como objetivo analisar as estratégias utilizadas pelos cientistas da informação brasileiros e portugueses para a escrita e publicação em inglês, visando o maior alcance e prestígio do conhecimento científico produzido por essas comunidades científicas. Esta investigação caracteriza-se como estudo de casos múltiplos de natureza qualitativa e quantitativa, utilizando como técnica de pesquisa a análise de conteúdo. Conclui-se que há necessidade de viabilização de políticas públicas, para que essas comunidades possam subsidiar esses tipos de ações, tendo em vista que a ciência avança e precisa de bases apropriadas para seu desenvolvimento, levando em consideração também toda a pressão advinda dos órgãos de fomentos brasileiro e português, visando a visibilidade e internacionalização, marca distintiva no cenário atual a ser alcançado pela ciência.

### Introdução

Ao se levar em consideração a afirmação de que “na história da humanidade, a língua segue o rastro dos impérios” (COELHO; AVELAR; NOVAES, 2013, p.7), questiona-se então, qual o papel da língua na ciência? Toma-se como parâmetro, o percurso histórico, considerando que em cada época um determinado dialeto (idioma) era considerado como predominante para a comunicação e veiculação do conhecimento científico produzido.

Destaca-se como exemplos, o grego, que passou a ter *status* de língua franca no período da “antiguidade grego-romana”, em seguida o latim considerado como o idioma do Império Romano, tornando-se a língua franca em grande parte do mundo nessa altura, pois no século XVIII era “utilizado como idioma de referência” devendo “preencher o papel de idioma de comunicação entre os homens da ciência”, para além de ser considerado como “a língua franca, no mundo acadêmico das universidades medievais da Europa”, assim como o português e o espanhol no século XVI, o alemão e o francês que ao longo do século XIX detinham seu lugar de destaque. (SANTOS FILHO ; ALMEIDA, 2018; ORTIZ, 2008, p.24).

Outra perspectiva relevante a ser destacada nesse processo é consideramos as línguas com maior fluxo de utilização na internet na atualidade, tendo em vista que esta tornou-se um dos maiores veículos de divulgação de informações e do conhecimento científico gerado em

esfera global. Apresenta-se assim a seguinte escala com valores aproximados de utilizadores: em quinto lugar “o português, com 83 milhões; em terceiro o espanhol, com 165 milhões. (SERRA, 2013, p.94).

Ao somarmos o número de utilizadores dessas duas línguas, tem-se um total em torno de 248 milhões, em seguida temos somente o inglês possuindo em volta de 565 milhões de utilizadores, e o chinês contendo em torno de 510 milhões. Esses dados apontam um crescimento vantajoso nesses países, levando em consideração a propagação no momento atual da internet no Brasil, Angola ou Moçambique, exemplificando aqui somente poucos países de língua portuguesa. (SERRA, 2013, p.94).

No entanto, a língua inglesa, falada na Inglaterra, Estados Unidos, assim como em diversas ex-colônias inglesas, logrou hodiernamente o *status* de “língua franca da ciência”, ou “língua da ciência” como denomina Ortiz (2006, p.29). Tal fato se inicia no “pós-segunda guerra”, suplantando as vontades da língua francesa e da alemã, considerando a relevância das mesmas, nas ciências da natureza, em especial nas ciências humanas e filosofia. Porém, outro aspecto significativo que deve ser considerado é que apesar do inglês ser o “idioma nativo menos falado do que o mandarim e o hindi”, a posição hegemônica dos Estados Unidos nas áreas “econômica, científica e tecnológica”, contribuíram para que o inglês alcançasse esse *status* no campo científico. (SANTOS FILHO; ALMEIDA, 2018, p.3).

Diante da magnitude da temática em pauta, para as áreas da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no âmbito brasileiro e português, parte o nosso interesse em analisar as estratégias utilizadas pelos cientistas da informação brasileiros e portugueses para a escrita e publicação em inglês, visando o maior alcance e prestígio do conhecimento científico por essas comunidades científicas.

## **Metodologia**

Esta pesquisa, caracterizada como um estudo de casos múltiplos de natureza qualitativa e quantitativa, integra uma pesquisa de doutoramento mais ampla já finalizada e financiada pela CAPES, realizada no período de fevereiro 2015 a novembro de 2018 na Universidade de Aveiro, Portugal, intitulada “Internacionalização e visibilidade da comunidade científica da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (Brasil e Portugal). Teve como lócus de investigação 18 Programas de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação Brasileiros pertencentes as regiões Sudeste, Nordeste, Norte, Sul, Centro-Oeste e Norte do Brasil, e 5 Programas de Pós- Graduação em Ciência da Informação e Documentação Portugueses, localizados no Centro, Sul e Norte de Portugal.

Como instrumento de recolha de dados foi utilizado um questionário *on-line* misto aplicado aos docentes/investigadores. O *link* desse questionário foi enviado por *e-mail* para os 389 docentes/investigadores, população alvo deste estudo, pertencentes a IES públicas brasileiras e portuguesas.

O outro instrumento de recolha de dados utilizado foi a entrevista semidiretiva, direcionada aos coordenadores dos referidos Programas de Pós-Graduação, sendo convidados 18 coordenadores brasileiros, destes conseguiu-se realizar entrevista com 11. Em Portugal foram convidados 8 diretores dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Informação e Documentação, destes 5 nos concedeu entrevista, dois destes nos informaram que a Pós haviam sido descontinuadas. Para o recorte desta comunicação foi realizada a seleção para análise de conteúdo dos discursos emanados por três coordenadores no contexto brasileiro e três do cenário português.

Assim, de acordo com as questões de investigação e os objetivos traçados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, de acordo com as diretrizes de Laurence Bardin (2014) e Amado (2014), uma vez que se procurou compreender os conteúdos coletados por meio da realização de entrevistas, em conformidade com as respostas dos inquiridos, relacionadas à categoria visibilidade e internacionalização, e a subcategoria publicações em consonância com as unidades de registro aqui representadas por cada uma das questões integrantes do guião da entrevista semiestruturada.

### **Resultados e Discussão**

Infere-se que os protagonistas deste estudo são majoritariamente doutores e pós-doutores, possuem larga experiência nas áreas científicas citadas acima no Brasil e em Portugal. Desse modo, questionou-se aos inquiridos brasileiros e portugueses sobre a escrita dos seus artigos em língua inglesa, considerando os seguintes aspectos: se possuem apoio institucional para a tradução dos seus textos, se assumem a escrita dos seus textos em inglês, se leem e falam fluentemente em inglês. Assim como se consideram fundamental publicar em inglês para dar maior visibilidade, e desencadear o processo de internacionalização de suas publicações científicas. O entrevistado C aponta que eles possuem apoio à tradução de textos, mas, no momento, também pela limitação de recursos financeiros, há necessidade de priorizar determinadas ações. Com isso, o que muitas vezes ocorre é que a tradução dos textos “*fica por conta do próprio professor*”, ou aqueles que escrevem bem em outras línguas traduzem seus próprios textos, assim como se possuem pessoas da família que dominam outros idiomas fazem essa “*revisão gratuita*”.

No entanto, argumenta, ainda, que essa situação específica gera outras situações que precisam ser revistas. Por exemplo, a forma como percebe-se essas questões de forma mais crítica e ponderada. Assim, exemplifica, “*eu vou pagar 3 mil reais para alguém traduzir um artigo meu, para eu mandar para uma revista, que eu nem sei se vai ser aceita. Então é isso, a gente tem que pensar um pouco sobre a ciência que estamos fazendo e qual é o âmbito*” que desejamos alcançar (Entrevistado C).

O entrevistado C continua argumentando que, a questão da publicação em inglês é vital, pois proporciona visibilidade à produção científica gerada, devido a essa língua ter se tornado

*“universal”*. Porém, destaca a necessidade da realização de convênios para financiar essas traduções. Pois, dependendo da área científica em que o investigador atua, ele tem que procurar países para estabelecer convênios que seja referência nessa matéria. Então, muitas vezes existe a necessidade de dominar para além do inglês a língua nativa do país com o qual o convênio for firmado. E exemplifica que em sua área científica no momento estão sendo estabelecidas *“algumas parcerias com a Holanda porque lá existe um grupo de bibliometria muito bom, que pensam os estudos métricos numa forma mais qualitativa”*.

Na visão do entrevistado E, os professores têm que possuírem *“uma ótima leitura em inglês”*, e falar razoavelmente também. Mas acrescenta que *“é obvio que tem pessoas que escrevem melhor que outras”*, e também por uma questão de tempo, eles possuem em sua Pós *“uma pessoa dedicada a fazer a versão e isso nos ajuda”*.

Argumenta, ainda, vive-se no dia a dia na *“loucura da produção, da administração, dos alunos, e das aulas”*. Por isso, pode-se até dominar um certo idioma, mas é mais viável que eles escrevam em português e passem para um profissional fazer a tradução e, depois, lógico fazerem uma revisão minuciosa para deixar o texto de uma forma que realmente traduza o seu pensamento de maneira fidedigna, *“para isso é necessário dialogar com a pessoa que fez a tradução”* (Entrevistado E).

Ainda em relação a essa questão, o entrevistado E ressalta que, existe também por iniciativa do Governo, o *“O Inglês Sem Fronteiras”* que contempla, *“professores, técnicos administrativos, alunos da graduação e da pós-graduação”*. Então, *“é uma política pública que promove um incentivo ao curso de inglês em âmbito nacional”*, não se limitando somente aos cursos de Pós-Graduação. Em nossa IES tem-se *“também o núcleo de línguas que é um projeto, um programa de extensão do Departamento de Letras”*. Já o entrevistado H aponta, como a sua Pós está em processo de *“maturação”*, ainda estão estudando essa *“possibilidade”*.

Os entrevistados portugueses A e B argumentaram que existe no âmbito dos Centros de Investigação, nos quais os seus docentes/investigadores desenvolvem pesquisas, a disponibilização de verbas para o apoio a tradução de textos. Já a entrevistada C enfatiza que esse tipo de apoio é proporcionado pela sua IES. Observa-se, portanto, no cenário português ações voltadas para a efetivação dessa demanda.

É interessante considerar que os critérios exigidos atualmente aos Programas de Pós-Graduação da área de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil (CAPES) e em Portugal (A3ES) pelas agências que os avaliam é que estes contemplem em seu planejamento os desafios internacionais da área na produção do conhecimento com vistas a internacionalização dos mesmos. Em contrapartida, não subsidiam recursos necessários à revisão dos textos em inglês dos seus cientistas. Há aí realmente uma

contradição entre as normas impostas e a sua efetivação por parte dessas Instituições.( MENEZES; ODDONE; CAFÉ, 2012).

## **Conclusões**

Considerando os objetivos propostos neste estudo, em consonância com os resultados apresentados percebe-se pela fala dos entrevistados brasileiros que a principal barreira enfrentada para a tradução dos seus textos é a financeira. Estes empreendem esforços para minimizar essa situação, por meio de editais e outros tipos de recursos direcionados para essas ações. Não acham justo pagar com os seus recursos a tradução. Ponderam, também, que os docentes/investigadores devem ter fluência na escrita e leitura em inglês.

Nota-se que os entrevistados privilegiam as publicações em língua estrangeira, não somente o inglês, mas outras línguas nativas, dos países com quem possuem parcerias para o desenvolvimento de projetos de pesquisas. Destacaram também a necessidade de um Profissional na Pós especificamente para o desenvolvimento dessa atividade, por não possuírem tempo devido as suas outras atribuições, para atenderem a essa demanda.

Observa-se que os órgãos de fomento, planejam as suas políticas científicas e direcionam recursos financeiros para os Programas de Pós-Graduação com inserção internacional, que se traduz naqueles mais bem avaliados pelos órgãos reguladores, mais bem posicionados nos *rankings*, que significa maior produção científica em língua estrangeira, publicadas em bases de dados internacionais com alto fator de impacto, e parcerias e acordos de cooperação estabelecidas com instituições estrangeiras.

Nesse sentido, questiona-se, se existem esforços, como pode-se observar nos discursos dos entrevistados. Mais como efetivar isso sem as condições necessárias para o desenvolvimento dessas atividades? A ciência avança e precisa de bases apropriadas para seu desenvolvimento, e isso requer políticas públicas concretas voltadas para subsidiar tais ações.

## **Referências**

- AMADO, J. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Ed. L. Edições 70, 2014.
- COELHO, S.; AVELAR, K. E. S.; NOVAES, A. M. P., & Miranda, M. G. de. A emergência da língua inglesa como reflexo da hegemonia americana na economia mundial. **Revista Espacios**, v.42, n.13, 2013. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a13v34n02/13340207.html> Acesso em 13 jun. 2018.
- MENEZES, V.; ODDONE, N.; CAFÉ, A. Aspectos reputacionais dos Sistemas de Avaliação da produção científica no campo da Ciência da Informação. **Tendências Da Pesquisa Brasileira em Ciência Da Informação**, v.5, n.1, 2012. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/72> Acesso em 13 jun. 2018.
- SANTOS FILHO, J. C. dos S. ; ALMEIDA, M. de L. P. de. Revista Internacional de Educação Superior [ RIESUP ] Bilingue : Publicação na língua franca da ciência. 2018. Disponível em: [www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/ppec/article/download/9144/458](http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/ppec/article/download/9144/458) Acesso em: 13 jun. 2018.
- ORTIZ, R. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.
- ORTIZ, R. **A diversidade dos sotaques**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.
- SERRA, P. Digitalização e acesso aberto na publicação em Ciências da Comunicação: o caso português. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências Da Comunicação**, v.36, n.2, 91–104. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442013000200005>